

PENSANDO EM TERRITÓRIO, AÇÕES TERRITORIAIS E TERAPIA OCUPACIONAL: ALGUMAS IDEIAS SOLTAS ANTES DE COMEÇAR A LEITURA DESTE DOSSIÊ

Editorial

Thinking about territory, territorial actions, and occupational therapy: some loose ideas before starting to read this dossier

Pensando en territorio, acciones territoriales y terapia ocupacional: algunas ideas sueltas antes de comenzar la lectura de este dossier

Clara Duarte Cuervo

<https://orcid.org/0000-0001-6901-7335>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil

Resumo

Partindo de duas histórias, uma real e outra fictícia, o editorial introduz elementos relativos ao conceito de território que podem ser úteis na leitura dos artigos que compõem este dossiê, bem como apoiar nas reflexões em torno das ações territoriais na terapia ocupacional. Territorialidade e territorialização são colocados como direções possíveis da atuação profissional, ao mesmo tempo, se faz um convite a pensar em concepções de território mais próximas das cosmovisões de povos indígenas ou negros da região latino-americana.

Palavras-chave: Território sociocultural. Terapia ocupacional. Territorialidade. Política.

Abstract

Starting from two stories, one real and one fictitious, the editorial introduces elements related to the concept of territory that can be useful for reading the articles that make up this dossier, as well as supporting reflections on territorial actions in occupational therapy. Territoriality and territorialization are proposed as possible orientations for professional actions, at the same time, an invitation is made to think about conceptions about territory closer to the worldviews of the black and indigenous peoples of Latin America.

Keywords: Sociocultural territory. Occupational therapy. Territoriality. Politics

Resumen

Partiendo de dos historias, una real y otra ficticia, el editorial introduce elementos relacionados con el concepto de territorio que pueden ser útiles para la lectura de los artículos que integran este número especial, así como apoyar las reflexiones sobre las acciones territoriales en terapia ocupacional. Se plantean la territorialidad y la territorialización como orientaciones posibles para la actuación profesional, al tiempo que se invita a pensar en concepciones sobre territorio más cercanas a las cosmovisiones de los pueblos negros e indígenas de América Latina.

Palabras clave: Territorio sociocultural. Terapia ocupacional. Territorialidad. Política.

Como citar

Duarte Cuervo, C. (2023). Pensando em território, ações territoriais e terapia ocupacional: algumas ideias soltas antes de começar a leitura deste dossiê. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 7(3), dossiê temático:1840-1843. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto60026

Recentemente assisti um filme brasileiro extraordinário, o título dele é *Aquarius* (Mendonça Filho, 2016). O filme conta a história de uma mulher aposentada que se recusa sair do apartamento onde ela vive há, pelo menos, 30 anos. O prédio, perto da praia, no Recife, Pernambuco, vai ser derrubado para desenvolver um novo projeto imobiliário. Ela é a única moradora que ainda fica no edifício. Para Clara, a protagonista do filme, não é uma questão de dinheiro, ela “simplesmente” não quer sair. O que é que faz as pessoas resistirem a abandonar um lugar?

O filme trata da conexão que a gente constrói, através do tempo, com os espaços e as coisas onde a vida acontece, de como eles nos constituem e nós os constituímos, com a nossa história. A recusa de Clara não é apenas apego, medo, saudade, é rejeição ao apagamento da sua história, da sua vida. É uma negativa a deixar de ser, de existir.

Ainda na América do Sul, mais na realidade, um grupo de mulheres negras, no sul da Colômbia, têm lidado há muito tempo com as violências do conflito armado. Embora deslocadas, ameaçadas, violentadas, elas lutam pela permanência ou pelo retorno para suas terras, onde podem cultivar, perto do rio, onde podem pescar (Natib Rosero et al., 2022). De novo, não se trata somente de uma questão utilitária ou atrelada à propriedade; para serem e existirem, elas precisam do espaço onde seu modo de vida é possível. No meio das estruturas e das relações de poder que incidem sobre os seus modos de vida, as mulheres negras no sul da Colômbia, como a Clara, lidam e se resistem com tais condições, mostrando as fissuras que cada uma consegue abrir no sistema, através da sua própria existência, no cotidiano.

Quando pensava neste editorial e no tema deste número da *Revisbrato*, me deparei com estas duas histórias e achei que elas estavam falando em território. Xavier Oliveras Gonzáles (2020), sobre a etimologia de território, aponta duas perspectivas, numa delas é “entendido como um espaço de recursos e atividades (como o espaço agrícola) e de transformação”, já na segunda, “o território poderia se referir ao espaço onde estratégias de dominação são implementadas” (p. 620). As duas concepções cabem nas histórias acima.

Nas acepções no parágrafo anterior, as relações entre entes vivos e espaço podem ser percebidas, bem como as formas de apropriação / dominação que acontecem, mas acho nelas uma certa passividade do “espaço”. Numa perspectiva antropocêntrica — na qual a terapia ocupacional tem se posicionado — é o agir humano aquele que constitui o território. Ainda que difícil, prefiro pensar (e acho que o filme tenta mostrar) que Clara, além de se apropriar do espaço da sua casa, do seu bairro, da cidade, foi constituída pelo Recife, pela paisagem que olha a cada dia através da janela, pelos objetos, pela praia, pelo mar. Na cosmovisão de muitas comunidades negras e indígenas da nossa região latino-americana, existe uma relação de comunicação bidirecional entre humano-espaço / terra que permite manter o equilíbrio, sendo essa comunicação o baseamento da constituição do território. Assim, por exemplo, para o povo indígena Awa, que habita no sudoeste colombiano e no Equador,

[o território] constitui o nosso espaço vital, lugar de reprodução da vida, onde o equilíbrio e a harmonia com a natureza são mantidos, é o lugar onde vivemos, trabalhamos, cultivamos,

pescamos, caçamos e recriamos o pensamento; onde um verdadeiro respeito para o cultural, natural e espiritual é gerado. (Bisbicús et al., 2010, p. 52)

Não é estranho, então, pensar que o equilíbrio destruído pela violência precise do retorno das mulheres e comunidades negras às terras do sul da Colômbia.

Por outro lado, acho importante advertir, na etimologia do vocábulo território, a mobilidade que está por trás das ideias de transformação e dominação, o que traz à tona as complexidades das ações territoriais.

Falar em ações territoriais – da/na terapia ocupacional, mas não apenas– pode nos levar, pelo menos, em duas direções: aquela da territorialidade ou aquela da territorialização, conforme o lugar que, no nosso caso, ocupamos enquanto profissionais em relação com sujeitos ou coletivos. Ainda com Olivera Gonzáles (2020):

Segundo Agnew (2009^a; 2009^b), é possível dizer que a territorialidade se refere tanto as estratégias de organização e exercício do poder no espaço, quanto as de organização das pessoas, objetos e atividades sociais, econômicas ou políticas em áreas delimitadas mediante o uso de fronteiras. Em vez disto, territorialização refere-se ao processo pelo qual pessoas, objetos e atividades são fixados no espaço pelo Estado, ou outros atores, com capacidade de organização e exercício de poder. (p. 620)

Destarte, tal posicionamento implica o reconhecimento de nós mesmos e das nossas ações como sujeitos políticos e atores no jogo das relações de poder, quando inseridos nos territórios dos sujeitos e comunidades. Agir na direção da territorialidade nos coloca como acompanhantes ou impulsionadores de processos – de integração / inclusão social, convivência, resolução de conflitos – nos quais os sujeitos são constituídos “territorialmente”, por tanto, processos de transformação e disputa territorial. A expectativa das mulheres negras para permanecerem no seu território passam por lutas pelo direito aos seus territórios ancestrais, bem como por conflitos com outros grupos e interesses pelo uso do mesmo espaço. No dia a dia, a possibilidade de pescar no rio se esbarra com o garimpo de ouro... Como nós, terapeutas ocupacionais, poderíamos atuar neste cenário?

Por outro lado, agir na direção da territorialização pode nos levar a pensar em pessoas e comunidades sujeitadas ao uso dos espaços, com isso, aos modos de vida impostos desde posições de poder e governo, nos quais os saberes profissionais, geralmente, operam como parte do dispositivo de poder. Nesse cenário, as/os profissionais – conscientemente ou não – reproduzem formas de normalização e subjetivação para a manutenção do *status quo*.

Para além destes rumos possíveis e levando em conta as lições dos povos indígenas, gosto de pensar nas ações territoriais como formas de restituição ou procura de equilíbrio num espaço vital.

Como Bianchi e Malfitano (2022) têm apontado, há uma relação muito próxima entre território e comunidade nas ações de terapeutas ocupacionais na América do Sul, sendo que os dois conceitos precisam de aprofundamento e apropriação para subsidiar e fortalecer nossas ações profissionais, especialmente no campo social. Com certeza, este número da Revisbrato contribui nesse intuito. Este

editorial pretende fornecer ideias soltas, esperando fazer parte do ruído de fundo nas reflexões e problematizações que surgirão da leitura deste dossiê.

Referências

Bianchi, P. C., & Malfitano, A. P. S. (2022). Atuação profissional de terapeutas ocupacionais em países latino-americanos: o que caracteriza uma ação territorial-comunitária? *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 30, e3053. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO23163053>

Bisbicús, G. T., Paí Nastacuas, J. L. & Paí Nastacuas, R. (2010). *Comunicación con los espíritus de la naturaleza para la cacería, pesca, protección, siembra y cosecha en el pueblo indígena Awá de Nariño*. Asociación Minga

Mendonça Filho, K. (Diretor). (2016). *Aquarius* [Filme]. CinemaScópio, SBS Productions, Videofilmes, Globo Filmes.

Natib Rosero, A., Perdomo Gaitán, D., Restrepo Mora, A. (2022). *Mujeres negras, afrodescendientes y campesinas de Putumayo y Nariño: Ocupaciones y memoria como prácticas de resistencia en el marco del conflicto armado colombiano* [Trabalho de conclusão de curso no publicado]. Universidad Nacional de Colombia.

Oliveras Gonzáles, X. (2020). Territorio. In A. Benedetti (dir.), *Palabras clave para el estudio de las fronteras* (pp. 619-628). Teseo.

Recebido em: 31/07/2023

Aceito em: 31/07/2023

Publicado em: 15/08/2023

Editor (a): Ricardo Lopes Correia